

último Hora - Julho, 1974

R N

RUBEM BRAGA

O TIO PORTUGUÊS 9-6-57

ORA, cá temos o senhor general Craveiro, e que seja benvindo — inclusive, se a quiser honrar, nesta pequena casa que, com ser de Braga, é também, certamente, portuguesa.

A casa é pobre, mas não tanto que num domingo de junho não se possa mandar abrir um clarete de Amaranis, para esquecer a alma. De meus avós portugueses, que foram três (minha avó materna era filha de portugueses) só conheci a avó paterna, que me chamava de tu e me dava moedinhas quando ia visitá-la aos domingos.

Tive, porém, uma tia materna casada com um português, e antes de serem nossas famílias vizinhas na cidade, eu costumava passar as férias de junho em sua fazenda que tinha o nome tão português e tão brasileiro de Boa Esperança. E' nesse tio Cristóvão, que penso quando me falam dos portugueses à antiga, em sua grande mesa em que todos tomavam o bom vinho importado em barris, em seus bigodes, sua dura severidade e seu imenso coração.

Meu pai gostava de convidá-lo de vez em quando para um robalo assado com recheio de farofa. O tio demorava-se em comer, ficava rubro de vinho, e era um deleite ouvi-lo quando, ao terminar o longo almoço, as mangas arregaçadas, descansava os fortes braços sobre a mesa e dizia com satisfação:

— Sim senhor, comi peixe!

Creio que depois os dois se desentenderam, embora as donas de casa irmãs, as moças e os meninos continuassem a se visitar, mas quando meu pai ficou doente e precisou vir ao Rio se operar o tio apareceu lá em casa com uma lágrima no olho e um pacote de contos de réis no bolso. — «se por acaso precisares, ó Chico».

Assim, era o meu tio português.